



nova

escola

Nem só de Mula Sem Cabeça vive o imaginário popular

8 personagens pouco
conhecidas do nosso folclore

O que você vai encontrar neste e-book?

Introdução	03
1. Pisadeira	04
2. Tibungue	06
3. Poronominare	07
4. Hipocampo	08
5. Anhangá	09
6. Urutau	11
7. Cachorrinha	13
8. Teteu	15



Introdução

Nem só de mula-sem-cabeça e saci-pererê vive o imaginário popular brasileiro. Há uma imensa variedade de tradições país afora – tanto que a jornalista e pesquisadora Januária Cristina Alves foi capaz de escrever um *Abecedário de personagens do folclore brasileiro* (Edições Sesc/FTD), com figuras folclóricas de A a Z.

O livro foi lançado em 2017 e se tornou referência não apenas para estudiosos, mas também para o grande público. E, aqui, você terá a oportunidade de desfrutar desse trabalho.

A pedido de NOVA ESCOLA, Januária selecionou oito lendas brasileiras para serem apresentadas aos alunos do Fundamental 1. A seleção foi feita com base no *Abecedário* e na obra *Personagens do Folclore Brasileiro* (FTD Educação), da mesma autora. Foram privilegiados personagens menos conhecidos do rico repertório popular.

Boa leitura!

1 Pisadeira

Outros nomes: Diabinho
(ou Fradinho) da Mão Furada

Regiões onde é mais conhecido: Todas

Origem ¹: universal

Personagens relacionados ²: Saci-Pererê

A figura da Pisadeira mais famosa por aqui é conhecida como Diabinho (ou Fradinho) da Mão Furada. Ela entra no nosso quarto no meio da noite pelo buraco da fechadura e põe-se em cima de nós. Vai embora quando acordamos. A Pisadeira gosta de esperar em cima dos telhados a hora de entrar no quarto das pessoas pela chaminé ou pelas janelas.

¹ Segundo a pesquisadora Januária Cristina Alves, usa-se o termo “universal” para designar personagens que aparecem em diferentes lugares do mundo, com características semelhantes e certas diferenças de nome ou de descrição da aparência física. Não se sabe ao certo o lugar ou povo que originou a lenda.

² Personagens relacionados são aqueles que guardam semelhanças em origem, traços físicos ou psicológicos com o personagem apresentado. Nas obras de Januária, eles foram agrupados em famílias de personagens, cujas características constituem tipos. A família dos sacis e pisadeiras, por exemplo, constitui um tipo frequente no Folclore, que é o das criaturas ou humanos que gostam de praticar traquinagens.

Nas tradições portuguesas, o Fradinho da Mão Furada lembra bastante o Saci-Pererê. No Brasil, a Pisadeira ganhou algumas variações de inspiração indígena. Para os povos de língua tupi-guarani, a velha os visitava trazendo uma porção de agonias terríveis. Já para os sertanejos nordestinos, a Pisadeira é uma velha que arranha nosso rosto durante o sonho.



2 Tibungue

Outro nome: Bicho-Papão

Região onde é mais conhecido:

Sudeste (especialmente Minas Gerais)

Origem: universal

Personagem relacionado: Saci-Pererê

Conhecido como “Saci-Pererê de Minas Gerais”, o Tibungue é um homem baixinho que tem uma perna só e uma seta de fogo bem no meio da testa. Faz pequenas maldades nos sítios e roças, como o Saci-Pererê: apaga o fogo, espanta as galinhas, some com objetos de dentro de casa. Também é descrito como uma espécie de Bicho-Papão, pois gosta de comer criancinhas.



3 Poronominare

Região onde é mais conhecido:

Norte (especialmente Amazonas)

Origem: sul-americana (possivelmente venezuelana)

Personagens relacionados: Boto, Macunaíma

Bem-humorado, sem escrúpulos, senhor dos animais e das árvores, falante de várias línguas: por possuir essas características, Poronominare é relacionado a Macunaíma, o “herói sem nenhum caráter” criado por Mário de Andrade (1893-1945) no romance publicado em 1928. Em suas aventuras, sempre vence. É muito esperto e vingativo com quem lhe faz mal. No Amazonas, onde é famoso, ainda se acredita no aspecto divino de Poronominare. Dizem que ele e seu fiel companheiro, lure, estavam no alto da serra de Uiriú quando se viram perseguidos por um bando que queria matá-los. Trêmulo de medo, lure fechou

os olhos, enquanto o barulho daquele povo estrondava em sua cabeça como se fosse trovão.

De repente, não se sabe como, aquela gente toda dormiu! No dia seguinte, quando todos acordaram e desceram a serra, viram lá embaixo apenas as pegadas de Poronominare e lure.



4 Hipocampo

Outro nome: Cavalo-Marinho

Região onde é mais conhecido:

Norte (especialmente Amazonas)

Origem: universal

Personagens relacionados: Bumba

Meu Boi, Cachorrinha-d'Água,

Carneiro Encantado



Conhecido da mitologia universal, o Hipocampo é relacionado com o cavalo-marinho ou com o carneiro encantado. É cavalo da cintura para cima e peixe da cintura para baixo. Na mitologia grega, costuma aparecer na companhia das nereidas, as filhas de Nereu e de Dóris, que viviam no mar Egeu. O Hipocampo puxa o carro de Poseidon, o deus dos mares. Seres com essas características também são encontrados nas mitologias fenícia, árabe e indiana. Sua lenda chegou ao Brasil com os portugueses. Como os índios não conheciam cavalos, talvez tenham transformado o animal em figura do folclore. O Hipocampo é personagem

de um dos autos mais conhecidos no Brasil: o Bumba Meu Boi. Em geral, ele é pequeno, mas, quando aparece para os homens, é enorme. É branco, tem crina e cauda douradas e olhos humanos e tristes. Alguns dizem que tem uma estrela de ouro na testa, como o Carneiro Encantado ou a Cachorrinha-d'Água. O Cavalo-Marinho aparece também numa lenda ligada à Janaína, que é conhecida como Mãe-d'Água.

5 Anhangá

Outros nomes: Anda-a-Lua, Chora-a-Lua, Mãe-da-Lua, Pai da Noite

Regiões onde é mais conhecido: todas

Origem: europeia e indígena

Personagens relacionados: Guariba, Jurupari

Anhangá é uma das personagens mais antigas do nosso folclore. Nas cartas escritas pelos jesuítas José de Anchieta, Manuel da Nóbrega e Fernão Cardim ele é mencionado como um espírito mau, de quem os índios tinham muito medo. Hans Staden, o aventureiro e mercenário alemão do século XVI, que passou nove meses como refém dos Tupinambá, o chamou de *Ingange*, o Diabo. Essa associação de Anhangá com o Diabo pode ter sido feita pelos jesuítas por razões religiosas, já que para os índios ele seria uma espécie de protetor das florestas. Talvez por isso ele tenha sido confundido com Jurupari, esse sim, o espírito mau.

O Anhangá é um espírito e toma a forma que quiser, tendo um nome para cada uma delas: *mira-anhangá* (humana), *tatu-anhangá* (tatu), *tapyra-anhangá* (boi), *inhambu-anhangá* (pássaro), *iurará-anhangá* (tartaruga) e *pirarucu-anhangá* (peixe). A forma mais comum é a de um veado branco com olhos de fogo, chifres cobertos de pelos e uma cruz na testa – o *suaçu-anhangá*. O Anhangá anuncia sua chegada com um assobio, e, como num passe de mágica, a caça some diante dos olhos do caçador. Ele protege animais que amamentam, e quem os persegue corre o risco de encontrar o Anhangá, ter febre e, às vezes, até delírio. Apesar de bravo, dizem que é possível pedir ajuda ao Anhangá. Uma vez perseguido por animais selvagens, basta gritar: “Valha-me, Anhangá!”. Se a intenção for fazer um pacto de boas caças, é só dar-lhe tabaco em troca.



6 Urutau

Regiões onde é mais conhecido: todas

Origem: indígena

Personagens relacionados:

Jaci, Tibanaré

A ave Urutau (*Nyctibius griseus*) é comum em toda a América de Sul e há muitas lendas sobre ela. É também conhecida como Anda-a-Lua (em Minas Gerais), Chora-a-Lua (na Bahia) ou Pai-da-Noite (em Pernambuco). Por ser uma ave de boca grande e hábitos noturnos inspirou histórias de mistério e medo. Tem um canto melancólico e agudo, como se fosse uma risada de dor, que deixa quem ouve um tanto angustiada. Muitos a chamam de “ave fantasma”, talvez porque numa corruptela do guarani seu nome quer dizer exatamente isso: guyra (“ave”) e táu (“fantasma”). É muito difícil de se avistar um urutau, pois tem hábitos noturnos e sua pelagem pode ser facilmente confundida com um galho.

Além disso, gosta de ficar na ponta de galhos secos. Outra curiosidade é que o urutau pode “enxergar de olhos fechados”, pois tem duas fendas em suas pálpebras. Pelo seu canto melancólico, o Urutau inspirou grandes escritores, como José de Alencar em *O Guarani* (1857) - “O urutau no fundo da mata solta as suas notas graves e sonoras” - e João Guimarães Rosa, em *Grande Sertão: Veredas* (1956) - “Todo o mundo dormindo. Só o chochôrro mateiro, que sai de debaixo dos silêncios, e um ô-ô-ô de urutau, muito triste e muito alto”.



7 Cachorrinha d'Água

Região onde é mais conhecido:

Nordeste (especialmente Pernambuco)

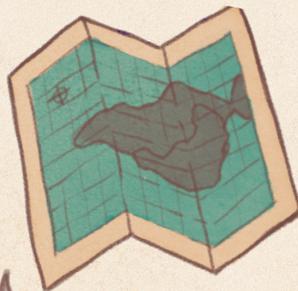
Origem: brasileira

Personagens relacionados:

Carneiro Encantado, Hipocampo

Quem anda nas margens do rio São Francisco sempre olha com atenção: se conseguir ver a Cachorrinha D'Água receberá riquezas sem fim! Quem teve a sorte de vê-la diz que é uma cachorra muito bonita, com os pelos bem brancos, com uma estrela na testa. Contam que fica às margens do rio, secando-se ao sol.

A lenda da Cachorrinha d'Água é tão presente na cultura que envolve o rio São Francisco que foi até mencionada por Carlos Drummond de Andrade no poema "Águas e mágoas do rio São Francisco" (1977), do livro Discurso de primavera e algumas sombras (Companhia das Letras, 2014). Um trecho do poema diz assim:



*Está secando o velho Chico.
Está mirrando, está morrendo.
Já não quer saber de lanchas-ônibus,
nem de chatas e seus empurradores.*

*Cansou-se de gaiolas
e literatura encomiástica
e mostra o leito pobre,
as pedras, as areias desoladas
onde nenhum caboclo-d'água,
nenhum minhocão ou cachorrinha-d'água,
cativados a nacos de fumo forte,
restam para semente
de contos fabulosos e assustados...*



8 Tetéu

Outros nomes: Guigratetéu (para os Tupi), Quero-Quero (no Sul), Tetéu do Nordeste

Regiões onde é mais conhecido: todas

Origem: indígena

Personagens relacionados: nenhum

Esse é um típico dorme-não-dorme. Passa a vida tentando dormir. É um pássaro de bico grande que coloca o bico sobre o lombo quando se prepara para dormir. Mas o bico escorrega, ele acorda e grita! Outros contam que ele, na verdade, coloca uma pata no meio da perna e se ajeita pra dormir. Mas a pata escorrega e ele faz uma barulheira. E toca a começar tudo de novo pra tentar dormir.

Dizem que ele é um bicho que traz sorte e também azar, depende da direção em que é visto voando: se é do molhado para o seco pode rezar que a coisa é feia, mas, se for o contrário, é coisa boa na certa!





nova escola

Reportagem

MARIA LÍGIA PAGENOTTO

Colaboração

JANUÁRIA CRISTINA ALVES

Edição

PEDRO ANNUNCIATO

Ilustração

ESTÚDIO KIWI

Diagramação

CARONTE DESIGN